o riso frouxo
do homem
insignificante
50 historietas tragicômicas
carlos motta

Algumas frases necessárias

Este pequeno exercício de prosa é dedicado aos meus amigos passados, presentes e futuros.

As lembranças forjam risos, reflexões, algumas tristezas e - sempre - a esperança de eu vir a ser, um dia, uma boa pessoa.

Nessa difícil empreitada agradeço especialmente à Liliana, mais que minha mulher, minha inseparável companheira.

Espero que se divirtam com o fruto da minha imaginação.

Carlos Motta

PS.: a capa é da Liliana, claro.

Conteúdo

O homem insignificante 4
No sebo 8
As cartas não mentem jamais 9
Chocolate doce demais 13
A fonte da juventude 1 14
Duas caras 15
Quarteto de cordas 17
Porrada 18
Amigo de infância 19
Gol vermelho, flanela amarela 23
Seqüestro por telefone 27
Festa de confraternização 33
Telefone sem fio 36
Grife 37
Vernissage 39
Demais 42
Techno Music 44
Zoológico 46
Esquina 48
Telemarketing 50
Carta de amor 52
Nana nenê 56
No escurinho 57
Uma da tarde 60
Filhinho 62
O homem só 63
A fonte da juventude 2 65
Traições 66
Álbum de fotografias 69
Prosa e verso para o amor eterno 71
Presente de casamento 73
Um anjo 75
Lencinho bordado 79
O gandula 82
Superstição 84
O ascensorista 85
Rádio Peão 87
O mentiroso 88
Bola pra frente 89
Uma rosa vermelha 91
O noivo 93
Pobre diabo 95
Aposentado 97
Viagem 100
Torcedor 104
De carne e osso 106
Gigante 107
É campeão! 110
Maldades 112
Deus desce à Terra 114

O homem insignificante

1

Não era baixo nem alto. Nem gordo nem magro. Não ganhava bem nem mal. Classe média, sustentava a família - mulher e filho - morando num apartamento de dois quartos, 55 metros quadrados, num bairro da periferia, comprado com a ajuda do sogro e do dinheiro do FGTS.

Almoçava fora de casa, ia ao trabalho no Palio 99 que levava uma vez por ano ao mecânico - de confiança - perto da padaria. Voltava só depois das 8 horas da noite. Comia alguma coisa que a mulher tinha feito no almoço, via o Jornal Nacional, lia a Folha, que comprava religiosamente na banca perto do emprego.

Dormia um sono agitado, tinha a pressão alta, mas não consultava nenhum médico. Preferia o remédio que o farmacêutico lhe vendia, com a garantia de que era um lançamento, tiro e queda e tal. Consultava a bula e fingia sacar tudo aquilo que as letrinhas prometiam e advertiam.

2

O dia em que voltou para casa com o coração disparado, quase na boca, a adrenalina solta no corpo cansado, começou com nuvens e terminou com chuva.

E foi a chuva a responsável por tudo.

Se o asfalto da rua do posto de gasolina onde, por R$ 60 mensais guardava seu Palio, estivesse seco,

talvez,
muito provavelmente,
com certeza absoluta,

aquele Gol verde tivesse parado apenas poucos metros depois de ter as rodas travadas pela ação instintiva do seu motorista que meteu o pé no freio quando o moleque largou a mão gorducha da mãe e correu desembestado sabe-se-lá-para-que-direção apenas que era para onde não deveria ir ou seja:

o meio da rua com o asfalto molhado e escorregadio.

A buzina estridente fez com que virasse a cabeça para a esquerda e fosse atingido de frente por pingos d'água agressivos e gelados. Aí, nesse instante, seu

olhar se congelou numa cena de cinema, uma tragédia descolorida pelo anoitecer precoce devido às nuvens opressivas daquele dia úmido.

pensou
não pensou

e se atirou com toda a força que pôde ao encontro daquela figurinha de vermelho e verde e tão viva que se movia como um personagem desarticulado de desenho animado.

3

Ao tocar a campainha do apartamento no sexto andar não esperava que sua mulher fosse se atirar em seus braços e dizer eu te amo como nos filmes.

Nem que seu seu filho viesse lhe contar que era o melhor aluno da escola que custava mais que o salário mínimo por mês e não tolerava mensalidades atrasadas.

Nada disso.
Sabia que naquela noite o sofá desbotado,
as cadeiras meio bambas,
a parede de cor indefinida,

os talheres gastos,
o prato lascado,
a comida insossa,
as notícias velhas da televisão e do jornal

e até mesmo o beijo mecânico de sua mulher murcha
e sem graça e a indiferença ingênua de seu filho
raquítico e pálido
teriam um gosto único e especial.

Porque naquela noite ele não era o homem
insignificante que acostumara toda a sua vida a ser.

No sebo

- Olha só este disco. Dancei muito com essa música. Deixa ver, em 78, 79...

- E este livro, então... Leitura obrigatória no ginásio. Ninguém conhece mais hoje em dia.

Feito criança, percorria as estantes do sebo. As mãos já estavam pretas da sujeira das capas dos livros e discos. Mas os olhos cada vez mais brilhantes. Ao seu lado, o filho tentava se distrair num joguinho de gameboy.

- Pai, vamos embora, tô com vontade de fazer cocô.

- Já vai, já vai. Meu Deus, não acredito... Dei este LP de presente para sua mãe, quando a gente namorava. Que saudade! Você precisava ver, eu tinha um cabelo que vinha até aqui, ó...

O menino torceu o pescoço, passou a mão direita pela cabeça, olhou o pai de baixo para cima.

- Puxa como você é velho!

O passeio terminou num McDonald's que ficava numa praça desolada e suja, ao lado de uma avenida barulhenta e perigosa.

As cartas não mentem jamais

"Leio mãos - R$ 10
Tarô - 10 perguntas R$ 10, 20 perguntas R$ 15
Jogo búzios - R$ 10
Leio o destino nas cartas - R$ 15
Sucesso garantido - Vidente Nádia"

O cartaz estava pendurado numa mesa e a vidente Nádia era uma senhora de cabelos loiros oxigenados, de idade indefinida, que lia uma revista Caras na falta de clientes naquela feirinha de domingo do shopping do bairro.

Como a próxima sessão de cinema só começava em 40 minutos, Celinha achou que seria um bom investimento saber o que o futuro reservava a ela, 19 anos, cabecinha cheia de sonhos, e, na bolsa que levava a tiracolo, R$ 60 em notas de R$ 10 e R$ 5 amassadas e misturadas com bilhetes de ônibus, tíquetes-refeição e um recorte de jornal que anunciava a vaga de secretária numa clínica dentária. "Não é preciso experiência", dizia o texto.

Celinha, que não gostava de intimidades, e por isso não ia deixar que uma estranha pegasse em sua mão,

preferiu que a vidente Nádia lesse as cartas. Não sabia direito o que era tarô e achava búzios coisa de umbanda. O pastor de sua igreja falava sempre que essa gente não prestava.

Contente em ter sua primeira cliente do dia, a vidente Nádia prometeu a si mesma caprichar na leitura. Simpatizou com a moça morena, de olhos verdes e tímida, e improvisou um futuro belo, tranqüilo, sem nuvens e de um azul profundo para ela.

Quando terminou o serviço, a vidente Nádia pegou novamente a revista Caras da semana passada e voltou a ver as fotos da casa de praia de 400 metros quadrados do seu galã preferido, graças a Deus solteiro novamente.

Já Celinha hesitava entre passar os restantes 20 minutos para a sessão de cinema procurando uma blusa que combinasse com a calça comprada à prestação na semana passada ou chupando um sorvete. Acabou se entretendo com a criançada que patinava na pista de gelo montada no espaço onde antes ficavam as máquinas de fliperama. Se tivesse coragem, bem que gostaria de experimentar. Mas era

envergonhada. Se levasse um tombo, todo mundo iria rir e ela, corar feito um pimentão.

Ao se virar para finalmente pegar a fila do cinema - puxa, como o tempo passa rápido -, Celinha levou um susto: três rapazes, a poucos metros dela, a olhavam, rindo. Ela fez que não viu, baixou os olhos e apressou o passo. Mas ouviu um deles falar: "Bonitinha, uma gracinha..."

Deu a entrada para o bilheteiro e olhou rapidamente para trás. O rapaz mais alto dos três, um mulato vestindo uma camiseta cinza com a frase "In God We Trust" escrita em vermelho, estava na bilheteria.

Ela então se lembrou das palavras da vidente Nádia quando virou o valete de ouros e abriu um sorriso que deixava à mostra dentes amarelecidos de nicotina: "Menina, essa é uma carta muito boa, que significa reflexão, novidade e amor."

Não tinha entendido na hora o sentido daquilo, mas ao ver o jovem galanteador entrar na sala meio escura apressado e olhando para os lados, como se estivesse à procura de alguém, soube imediatamente que seu destino estava traçado havia muito tempo e seria

decidido ali, naqueles 114 minutos de duração do filme sentimental e tolo que decidira assistir.

Uma pequena lágrima saiu de seus olhos e escorreu, cada vez mais fria devido ao ar-condicionado que chiava à toda, pelo seu rosto moreno.

Célia Brito da Silva, a Celinha, filha mais nova do seu Edgar e da dona Joana, que o Céu a tenha, encheu a boca de pipoca e nem se importou quando, ao morder um piruá, sentiu um dente se quebrar.

Bobagem, amanhã mesmo estaria empregada como recepcionista de um dentista daqueles bem chiques e seu novo namorado teria o maior prazer em pagar aquela obturação.

As cartas não mentem jamais.

Chocolate doce demais

Quando pisou na bola pela primeira vez, mandou à patroa rosas vermelhas. Foi perdoado, mas teve de prometer andar na linha.

Na segunda vez, escolheu um arranjo de gérberas. Custou uma nota, porém valeu a pena: o caso ficou por isso mesmo, nem promessa fez.

Na terceira, juntou um cartão com versos mancos às anêmolas que comprou para o amor de sua vida. Escorreram lágrimas daquele rosto ingênuo.

Houve uma vez mais, apenas uma.

Achou que se livrava fácil com um buquezinho de pobres margaridas.

Acabou tendo de se consolar do adeus inesperado mastigando os chocolates doces demais que havia guardado para tal eventualidade.

A fonte da juventude I

Depois de notar que os cabelos negros de sua mulher estavam mais bonitos com o tom prateado que haviam adquirido nos últimos anos, tomou a decisão de não procurar mais saber, diariamentente, na frente do espelho, com os olhos míopes arregalados, se a barba estava ficando mais branca.

Percebeu que essas mudanças não eram apenas exteriores.

Sentia o coração leve, a alma solta, o espírito em paz.

E, assim, abandonou definitivamente qualquer esperança de se tornar eternamente jovem.

Duas caras

Do lado direito era feio, duro e implacável.

Do lado esquerdo contrariava a lógica e se sentia humano.

No primeiro passo, esmagava qualquer vida que se pusesse à frente.

No segundo, ultrapassava os limites e chegava a flutuar.

O primeiro gole queimava.
O segundo aplacava o fogo.

No espelho, o que via era só um rosto.
No travesseiro, fechava os olhos e sonhava com anjos.

Era certo de dia
e errado de noite.

Sentia a alegria dos palhaços
e a tristeza dos desenganados.

Passeava por praias, montanhas, estradas sem fim e cidades encantadas.

Trancava-se no sótão escuro habitado por fantasmas ancestrais.

Comia e bebia com prazer.

Maltratava seu corpo com a tortura da sede e da fome.

Corria.
Parava.
Subia.
Descia.

Se fosse preciso calaria as injustiças do mundo com sua voz embargada de emoção e fúria.

Mas nunca faria nada que pusesse em risco sua tranqüila e segura concordância com tudo.

Num certo dia de sol, depois de se mover solto e leve pela praça que separava sua casa da estação do metrô, foi subitamente abordado por dois pivetes que

primeiro deram um murro no seu estômago,
depois chutaram suas costelas quando estava no chão

e, por fim, saíram rindo como se nada tivesse acontecido, levando sua carteira com 150 mangos, cartões de crédito e débito, documentos e outras coisas de menor importância.

Foi aí que quis rir,
mas apenas chorou.

Quarteto de cordas

O quarteto sempre havia se dado bem.

Até o dia em que o segundo violino esticou a corda demais - o primeiro violino achou aquilo um insulto.

A viola se incomodou e entrou na discussão: reclamou uma autoridade que foi contestada pelo grave violoncelo.

No meio da sonata o pau quebrou feio.

E não houve Brahms que desse jeito nem Beethoven que consertasse o estrago ou Mozart que restabelecesse a ordem.

A paz chegou apenas quando baixou um Pixinguinha com seu jeito manso de insinuar a melodia e sua maestria em prever o tempo certo para qualquer compasso.

Ou seja, o recital teve um fim imprevisto, mas satisfatório.

E todos voltaram felizes para casa.

Menos o piano, que permaneceu mudo.

Porrada

Era ruim de pequeno. Botava fogo em gato, cortava rabo de lagartixa, maltratava o irmão menor e chutava a perna da mãe quando ela lhe dava umas palmadas.

Grande, sempre que podia, continuava com as maldades.

Passava com seu carrão por debaixo de um viaduto quando viu dois sujeitos mulambentos deitados debaixo de um cobertor imundo.

Parou o carro, desceu e foi falando:

- Olha aqui, uma nota de cem reais para quem ganhar uma luta entre os dois. É vale-tudo mesmo, quero ver sangue.

Os dois se olharam, se levantaram, foram se chegando meio desconfiados e, quando estavam bem pertos, encheram o playboizinho de pancadas.

Ele ficou no chão, sangrando e gemendo, sem a nota de cem, sem a carteira com mais 250, todos os documentos e, é claro, um carrão preto quase novo que arrancou num tranco e sumiu na avenida longa e deserta.

Amigo de infância

Foi a última garfada do almoço. Estava cheio e se preparava para tomar o resto de chope quando sentiu um tapa nas costas. Virou-se e deu de cara com um estranho, barbado, óculos escuros, camiseta preta, jeans e tênis velhos.

- Mário, meu velho amigo Mário, é você mesmo, não? - disse o estranho.

- Isso, claro, sou, mas, você é o...o...

- Será que mudei tanto? Não se lembra mais dos amigos. Sou o Sérgio, o Serginho, seu vizinho da Rua Estreita.

- Serginho... mas é claro! Quanto tempo, você de barba... Quando foi a última vez que nos encontramos? Deixa me lembrar... Foi no alistamento do exército, tenho certeza!

- Isso mesmo. Eu servi, você não. E depois perdemos o contato. Mas eu reconheci você na hora. Só está um pouco mais gordo.

- Também, pudera. Nos vimos já faz uns 15 anos. Mas sente aí e me conte o que você anda fazendo.

- Ah, uma coisinha e outra. Sabe, eu parei de estudar

logo depois que terminei o segundo grau. Precisei trabalhar depois que papai morreu.

- É eu soube. Uma pena. Ele era um cara legal.

- E aí eu fui fazendo uma coisa e depois outra e fui me virando. Mas nem precisa me falar de você que eu sei que você hoje é um advogado de primeira, casou e tem três filhos...

- Pôxa, você está bem informado...

- É, leio jornal, converso com as pessoas, sabe, eu circulo muito.

- E você, casou? Tem filhos?

- É, fiquei um tempo com uma, um tempo com outra. Mulher é complicado, filho, então, nem fala.

- Mas agora você está mais tranqüilo, mais assentado, não é?

- Estou e não estou. Depende das circunstâncias.

- Mas tirando a barba, você não mudou nada, Serginho. Está até mais magro.

- Deixei crescer faz uns três meses, sabe, para mudar um pouco o visual, estava meio cansado do look

antigo. E também estava mais gordo, fiz um regimezinho e perdi uns quilos. Estou pensando até em malhar um pouco.

- Pois é, Serginho, antes de você chegar eu estava me preparando para ir embora. A Sílvia, minha mulher, foi para o Rio neste fim de semana com as crianças e eu preciso ir pegá-la no aeroporto às 3 horas. Estou meio com pressa.

- Não tem problema. Eu só pensei em dar um alô para você, eu meio que estava passando por aqui e vi você sentado e coisa e tal.

- Então, Serginho, eu acho que vou me despedir. Vou passar no caixa para acertar o meu almoço, o dono do restaurante é meu cliente e faz questão de que eu não pague, mas não gosto de explorar ninguém.

- Certo, Mário, certo... Então, tchau, a gente se vê por aí qualquer dia, estou sempre circulando.

- Isso, Serginho, isso. Até mais, então.

E se levantou e foi ao caixa, sem olhar para trás. Serginho ficou mais alguns minutos na mesa. Antes que o garçom a limpasse, tomou a meia tulipa de

chope quente que o amigo de infância havia deixado e comeu a metade do filé frio que dormia no prato.

Foi embora também sem olhar para trás.

Gol vermelho, flanela amarela

Exatamente às 17h55, Venício fechou a gaveta de sua mesa, levantou-se, despediu-se da faxineira que acabara de entrar no escritório e, com passos firmes, andou os 24 metros que separavam sua cadeira da porta do elevador. Chegou na entrada do prédio às 18h02. O trânsito na rua já estava caótico.

Contrariando tudo o que fizera nos últimos 15 anos, dessa vez Venício não foi até o ponto de ônibus. Passou direto por ele e seguiu, com os mesmos passos firmes, até a esquina.

Nela, funcionava havia apenas cinco meses uma loja de carros usados.

Venício parou e, depois de confirmar que levava todos os documentos na carteira, entrou e chamou um vendedor. Eram 18h10.

Às 19h15, Juvenal, porteiro e faz-tudo do condomínio São Geraldo, um prédio de 12 andares com 2 elevadores e 48 apartamentos, situado num bairro classe média baixa, chamou o faxineiro Zezé, que passava carregando o último latão de lixo, que deveria ser depositado na saída da garagem, para facilitar o

trabalho dos lixeiros pela manhã.

- Rapaz, o seu Venício está atrasado hoje.

Zezé depositou o latão e coçou a cabeça.

- É mesmo, nunca vi coisa igual.

Dona Esmeralda, do 32, que saía naquele instante para comprar pãezinhos na padaria Fortuna, ouviu o diálogo.

- Seu Venício atrasado? Não é possível, deve ter acontecido alguma coisa...

Na padaria, dona Esmeralda encontrou a Zilá, do 74, e contou a novidade. Zilá, quando esperava o elevador, topou com seu Marcolino, do 53.

- O Venício não é homem de se atrasar. Alguma coisa grave deve ter acontecido - deduziu Marcolino, homem sério que não chegou a síndico do São Geraldo só porque tinha medo de perder a eleição.

Às 20h33 todo o condomínio sabia da notícia. Venício não havia aparecido até aquela hora.

O síndico, rapaz novo que morava fazia só dois anos no São Geraldo, recebeu o telefonema do porteiro

Juvenal quando se preparava para a primeira garfada do jantar - arroz, feijão, ovo e salsicha.

- Desculpe incomodar, seu Jorge, mas é urgente. Não sei o que fazer. O seu Venício não apareceu.

- E o que o sr. acha que a gente deve fazer? Ele não tem parentes. É caso de avisar a polícia.

Eram então 21 horas exatas.

Jorge desceu de seu apartamento para usar o telefone da portaria. Não queria ligar para a polícia de casa para não alarmar a mulher e a filha pequena.

Pegou no telefone às 21h08. Mas não discou porque ouviu uma buzina forte, insistente e irritante vinda da frente da garagem.

De um Gol vermelho.

O motorista fazia sinais. Juvenal foi até ele e, às 21h17, voltou à portaria.

- É o seu Venício. Comprou esse Gol na semana passada e tirou o carro hoje da loja. Pediu para eu avisar a dona do 23 que amanhã vai precisar da vaga da garagem que aluga para ela. Mas está com medo

de deixar o carro na rua hoje. Pediu para eu ajudá-lo a olhar. Tem medo que por ser vermelho chame muito a atenção.

Às 22h03 Jorge se preparava para ver ser a TV tinha ainda alguma coisa que valesse a pena assistir.

No mesmo horário, Venício tirava uma sujeirinha do capô do Gol vermelho com uma flanela amarela, presente do posto de gasolina Boa Viagem.

O porteiro Juvenal olhava a cena da calçada, mãos no bolso.

- Juvenal, quero ver se agora alguém do serviço reclama de eu chegar atrasado.

- De jeito nenhum, seu Venício. De jeito nenhum.

Juvenal, naquele momento, às 22h07, achou que trabalhar no São Geraldo era a melhor coisa do mundo.

Seqüestro por telefone

- Alô, é o Celso? Quero falar com o Celso.

-É ele, pode falar.

- O senhor ama a sua filha?

- Não tenho filha.

- Mas o senhor ama a sua filha?

- Já falei que não tenho filha.

- Ah, não? Mas, bem, o senhor ama a sua mulher?

- Claro, estou casado com ela há 20 anos.

- E não tem filha?

- Nem filho. E daí? Afinal, o que o senhor quer?

- É sobre a sua mulher...

- O que tem a minha mulher?

- O senhor ama a sua mulher?

- O senhor já me perguntou isso.

- É que nós estamos com a sua mulher.

- Nós quem?

- Ah, isso eu não posso falar.

- Então vou ter de desligar. Não sei quem é o senhor nem o que quer.

- É sobre a sua mulher...

- Mas que é que tem a minha mulher?

- Nós estamos com ela e se o senhor a ama...

- Mas que raio de história é essa de eu amar a minha mulher?

- Não, veja, se o senhor a ama... É que nós estamos com ela...

- E daí? Ela pode ficar com quem quiser. É minha mulher, mas pouco me importa quem são seus amigos.

- Mas nós não somos amigos dela.

- E não me importa quem são seus inimigos.

- É que estamos com sua mulher e se o senhor a ama e a quiser de volta, vai ter de pagar para nós dez mil reais.

- Pagar para ter a minha mulher de volta? Mas o que é isso?

- O senhor não entendeu? Nós seqüestramos a sua

mulher e se o senhor quiser ter ela de volta, vai ter de pagar...

- Dez mil reais? A minha mulher vale dez mil reais? Nem eu valho isso.

- Bom, pode ser menos. Oito mil.

- Nem cinco, nem mil. Para que eu vou querer pagar pela minha mulher? Pago todo dia para ela. Quem é que trabalha aqui nesta casa? É ela? Não senhor, sou eu. Ela só sabe gastar.

- Mas se o senhor ama a sua mulher, vai ter de pagar.

- O senhor respeite a minha mulher. Pagar uma ova. O senhor acha que ela é uma prostituta?

- Não, não disse isso. Só que queremos dez, não, cinco mil reais para soltar a sua mulher, senão...

- O quê? Soltar? Como? Ela está presa? Aprontou alguma? Roubou, matou? Bateu o carro? Estava bêbada?

- Não, não... É que nós a seqüestramos...

- E ela não fez nada? Ficou quieta? Como foi isso? Quero falar com ela agora para resolver esse assunto.

Passe já o telefone para ela.

- Mas não é assim que funciona. Não posso deixar o senhor falar com ela. Mas ela está bem.

- Mas é claro que está bem. Não trabalha, gasta o meu dinheiro, vive fofocando com as amigas, não limpa a casa, cozinha com uma má vontade que dá dó e o senhor queria que ela estivesse doente? Que estivesse Cansada? Claro que não. Está é gorda, desmazelada.

- Então, se o senhor quiser que ela volte, vai ter de pagar cinco mil...

- De novo? Como vou ter pagar para ter a minha mulher? Isso é um absurdo! Nem um centavo, nada.

- Mas se o senhor não pagar, nós vamos ter de dar um sumiço nela.

- Como se isso fosse fácil... O senhor diz isso porque não conhece a minha mulher. O senhor não acha que eu já quis sumir com ela umas mil vezes? E sabe o que consegui? Sabe? Ela não larga mais do meu pé, só vive para me encher, faça isso, faça aquilo, não coma isso, não beba aquilo... Um inferno.

- E como nós vamos resolver o assunto?

- Por mim está resolvido. Se o senhor sumir com ela será ótimo para mim que fico livre dela e não gasto mais nada.

- Mas assim nós vamos ficar no prejuízo.

- E eu que estou faz 20 anos no prejuízo? Isso não conta?

- Mas não está certo, não é assim que funciona. O senhor tem de pagar.

- Não pago e além disso mando a conta do que ela gastou este mês com o meu talão de cheques para o senhor. Qual é o seu endereço, por favor?

- O meu ende... O senhor está louco?

- Faz tempo que estou, casado com essa mulher qualquer um fica louco. O endereço, o CIC e o RG, por favor que eu não quero mais perder meu tempo.

- Não vou dar endereço nem nada. O senhor não sabe que esse negócio de passar números pelo telefone para estranhos é perigoso, que está cheio de malandro e vigarista por aí?

- Se é assim, então vou ter de desligar.

- Tá bom, então até logo.

- Passe bem. E diga para minha mulher vir logo para casa.

- Pode deixar. Será um prazer. Um bom dia para o senhor.

- E para o senhor também.

Fim da ligação.

Festa de confraternização

- Bete, quanto tempo! E mais bonita que nunca...

- Jorge, que surpresa! Você ainda mais charmoso...

Há 20 anos não se viam e lá estavam os dois naquela festa de confraternização da turma de 198... da faculdade.

Bete, gorda, a pele do pescoço flácida, o cabelo loiro palha com pontas quebradas, esmalte roxo, sapato com plataforma altissima.

Jorge, careca, óculos de aro grosso, tique nervoso, barriga saliente, camisa aberta até o meio do peito peludo.

- O que anda fazendo?

- Ah, nada tão emocionante quanto você. Sabe, casei com o Mário, tenho dois filhos, não dá para trabalhar. É a vida de dona de casa..

- Vidão, hein.. Mas você está mesmo ótima, não mudou quase nada. Eu é que estou um trapo, todo escangalhado...

- Bobagem. Aposto que suas alunas não param de dar em cima de você...

- Nem fale uma coisa dessas. Se minha mulher escutar, estou perdido.

A luz do salão de festas piscou antes de apagar de vez. Bete se assustou, deu um passo para trás, quase derrubou uma mesa. Jorge foi em seu socorro e segurou sua mão. Ainda era macia.

Bete gostou do toque e fez pressão no dedo médio de Jorge, que, por sua vez, sentiu o rosto ficar vermelho. Mas estava escuro, tudo bem. Chegou mais perto de Bete, passou o braço por trás de sua cintura e a trouxe para junto de si. Beijou-a. Voltou àquela festa da faculdade, 20 e tantos anos atrás.

Os dois se separaram quando a luz voltou. Bete se virou para apanhar um copo na mesa, Jorge ficou parado, o olhar fixo na mulher que não reconhecia mais.

O garçom passou oferecendo bebidas e salgadinhos.

O microfone estalou um alô alô amplificado e rachado. Bete acenou para a grande amiga Cris que acabava de

entrar no salão e largou Jorge naquele canto a remoer lembranças.

No caminho de volta para casa, ele se perguntou porque o tempo existia.

Não obtendo resposta, foi até a padaria, comprou pãezinhos para o café da manhã do dia seguinte e um litro de suco de laranja.

Tinha quase certeza de que ia acordar com dor de cabeça.

Telefone sem fio

- Você viu? A mulher do patrão entrou na sala dele e saiu de lá na maior pressa...

- ...Saiu de lá chorando à beça...

- ...Parece que o filho deles foi pego fumando um cigarro...

- ...Com maconha no carro...

- ...Resolveram tirar um mês de férias...

- ...O garoto vai ficar com uma tia...

- ...Numa casa completamente vazia...

- Tenho tanta pena dessa família!

Grife

Parada no semáforo, ela olhava o Audi prateado da fila à direita. Viu as horas no Cartier no pulso esquerdo e percebeu que se o trânsito continuasse ruim como estava acabaria perdendo o horário que havia reservado no Soho. Abriu a bolsa Gucci jogada no chão, à frente do banco do carona (imagine que iria deixá-la à vista com tantos marginais soltos por aí!), e conferiu na carteira Burberry de tonalidade vermelha seu cartão Personnalité. Achava que podia tê-lo esquecido no apartamento.

Distraída um instante por uma buzina aguda que vinha do lado direito, tirou o Prada número 38 que calçava do pedal de freio e por um daqueles azares da vida que até então desconhecia, acabou voltando o pé direito ao acelerador. Assustou-se com o barulho do motor, acionado repentinamente a mais de 5 mil rpms, e soltou a embreagem. O BMW preto deu um pulo à frente como um touro selvagem.

O moleque pardo magricela que fazia malabarismos levou o coice nas pernas. Quando sua cabeça bateu no asfalto, um filete de sangue escorreu quase instantaneamente.

Mas ele era um sobrevivente. Apesar de gemer bastante, comportou-se direitinho e aguardou imóvel a chegada da ambulância.

O BMW ficou na calçada, praticamente sem nenhum dano. Os policiais foram gentis com a sua dona. Ela chorou muito e foi bem tratada pelo escrivão. O advogado da empresa do marido também foi muito solícito.

A ambulância demorou mais de uma hora para chegar. Muita gente que passava pelo cruzamento diminuía a marcha para olhar a cena do moleque magricelo estendido no chão, cercado por quatro policiais.

O motorista da ambulância e seu ajudante - talvez um enfermeiro - levantaram o moleque sem muito cuidado para colocá-lo na maca.

Foi o motorista que fechou a porta traseira da ambulância. Fechou sem cuidado, com a mão direita, batendo forte. Na mão esquerda segurava um par de tênis.

Nike.

Quase novo.

Vernissage

Aproveitou que o garçom estava perto e pegou mais um uísque. Virou-se, viu uma bandeja com salgadinhos passar ao lado e zapt! - livrou-a de dois canudinhos de camarão. Estavam deliciosos.

Enquanto isso, no burburinho da grande sala mal e mal se notava o artista, camuflado entre convidados tagarelas. Seus quadros pareciam esquecidos nas frias paredes brancas. Um, em particular, estava de tal forma perdido lá no fundo, pequenino entre uma enorme natureza morta vermelha-verde e um nu escandaloso violeta-creme, que tinha tudo para se sentir o filho enjeitado de um pai magnânino.

O vinho tinto acompanhava divinamente a coxinha recheada com requeijão, mas talvez fosse hora de comer mais uma empadinha de palmito.

E, no exato momento em que se preparava para decidir a continuação de uma noite muito agradável foi que acabou reparando naquele patinho feio espremido entre dois portentos. Um quadrinho assim tristonho e pálido não fazia jus àquela miríade de obras-primas.

Chegou mais perto da esquálida aberração. Ao tentar ajeitar o óculos para assegurar que a assinatura naquela insignificância era a mesma que adornava toda a beleza em redor, atrapalhou-se, e um tantinho do líquido rubro saltou da taça para a tela já conspurcada de cores que não combinavam entre si. Sacou rapidamente o lenço e sem pensar em nada a não ser restaurar a antiga mediocridade daquela paisagem insípida, fez a descoberta que estragou o gosto dos canapés tão excelentes que haviam caído em seu estômago: a estampazinha era um óleo recém-acabado, talvez a derradeira obra, feita às pressas, que o artista tinha preparado para sua exposição.

Mais tarde, quando a algaravia já havia se dissipado, uns poucos convidados mais atentos elogiaram a audácia do pintor de expressar seus sentimentos em cores tão fortes e traços tão distorcidos. Alguém chegou a apontar o retângulo borrado vítima do atentado dionisíaco como exemplo acabado da maestria.

No dia seguinte, apesar da ressaca, com a cabeça

ainda doendo e o estômago embrulhado (aquele maldito canudinho de camarão!), sentiu uma ponta de orgulho por ter dado uma pequena e despretensiosa contribuição para a arte moderna.

Demais

Gracinha, lindinha, corpo magrinho-magrinho. Feita para brilhar. Rostinho de anjo, boquinha perfeita, cabelos loiros, lisos, leves.

Adoro um clique clique e passinhos-passinhos pelas passarelas, andar marcial, rostinho reto, olhar em frente que o mundo é o limite para os meus sonhos dourados.

Que é que é que eu tenho demais?

Linda, linda, sou linda demais.

Fotografo de dia e de noite me desmancho em tititis e tantos ais e não-me-toques mais menina

eu sou demais.

Durmo demais que a vida não me espera nem me cabe.

Ah! Eu me amo demais!

Espero uma fera que me possua como na capa da revista nua e crua.

Um dia serei tanto faz menina ou meretriz
- o que me importa é ser feliz!

artista de novela moça do tempo jornalista garota de

programa ou atriz

tanto faz -

uma gracinha trancinhas loiras meu primeiro beijo
meus primeiros versos

já fui linda demais.

- Menina, acabe logo essa maquiagem que o show já vai começar.

Techno music

tum tum tum tum

era a música que vinha do apê de cima ou de baixo ou sei lá qual dia e noite noite e dia e não havia jeito de parar aquela merda o síndico nunca estava e o zelador era um zé mané
escorreguei uma nota de dez para o porteiro me dizer que era no trinta e três

o tum tum tum

fui educado toquei a campainha

uma vez
duas
e três

e a porta se abriu e apareceu uma mina desleixada cabelo ruivo em pé cigarro na boca jeans todo rasgado camiseta do che

meu deus pensei é uma hippie é uma punk ou pior drogada bêbada suja quem sabe o que ela é?

falei mansinho argumentei e ela nem para desligar aquele som techno pop baticum antineurônios um

tum tum tum

sem melodia e ela olhava para mim como se nunca tivesse visto um cara engravatado de boas maneiras que só queria silêncio e paz

falei oi eu sou do cento e cinco e eu sinto muito incomodar mas é que o som está muito alto e fui argumentando e ela me olhava como se eu fosse um ser exótico um antropófago um marciano

até que disse desculpa é meu irmão que gosta disso eu sou mais tranqüila e falou assim com uma voz de anjo descabelado e meio punk e foi então que no meu peito o coração fez

tum tum tum

descontroladamente fora do tom pensei é agora ou nunca e convidei a linda punk hippie cabelo ruivo em pé para ouvir o último cd da paula toller e ela me olhou e disse acho que não eu gosto mesmo é de pagode samba raiz ivone lara e velha guarda da portela e mansamente fechou a porta na minha cara

fiquei parado em frente do elevador e foi só quando cheguei no meu apê percebi que o pop rock nacional é uma grande porcaria

e ponto final

Zoológico

O leão dormia ao sol e pouco se importava com as moscas à sua volta.

As girafas olhavam para as nuvens, cansadas de ter os pés no chão.

O gorila descascava a banana como um experiente gourmet.

O hipopótamo escancarava o sorriso de dentes enormes.

O elefante balançava a tromba e abria caminho para toneladas de indiferença.

Patos, gansos, marrecos e cisnes velejavam barulhentos por águas mansas.

Macacos-pregos se mostravam os trapezistas ideais daquele circo mágico.

No caminho de casa, dentro do ônibus cheio, olhou o cobrador suado, a grávida e seus pesados pacotes, os três moleques tatuados, o evangélico estrábico, o anão de óculos escuros, e tentou encontrar neles a placidez do leão, a altivez da girafa, a imponência do gorila, a força do hipopótamo, a sabedoria do elefante, a suavidade dos cisnes e seus primos pobres ou a

esperteza congênita dos macacos.

Achou apenas gente igual a ele. Sem cores nem qualidades.

Naquela noite um cão latiu, um gato miou e ele sonhou que estava atrás das grades de uma jaula do tamanho do mundo.

Acordou e teve de contar carneiros para dormir de novo.

Esquina

aqui é uma selva e só vive quem pode mais

e eu sou foda mesmo

e daí que não importa

estou certo

ou não?

e daí que estou duro

estou mesmo

mas quem vai encarar?

tá vendo mina?

tá sacando meu lance

vai encarar ou não?

fico o dia todo babando de vontade e chega essa hora babau eu pifo e só quero descansar

vai encarar?

ou não?

esta esquina é um saco pareço um palhaço esperando essa porra de sinal abrir

ou não?

ou não? O caminhão descia até que devagar, mas o motorista, de saco cheio, pisou no freio tarde demais e foi aquela confusão, vidro e lata para todo canto, e o golzinho ficou espremido entre o enorme pára-choques e o muro grafitado do terreno baldio ao lado da padaria.

A televisão de cachorro estava cheia e quase tombou com a batida. Batatas se espalharam pelo chão, mas nenhum frango escapou do espeto.

Seu Manuel soltou um ave jesus minha mãe do céu e deixou cair o copo da média que ia servir para o Tiãozinho da banca de jornal.

O motorista do caminhão, depois do estrago feito, desceu da cabine e colocou a mão na cabeça. Houve gente que disse que ele até chorou quando olhou de perto o estado do golzinho.

Quando a viatura preto-urubu levou o corpo do rapaz embora já era noite alta e estava frio e a última luz da padaria se apagava.

A sombra do vigia dobrou a esquina e seguiu o vento.

ou não?

Telemarketing

Triiimmmm.

-Alô... É ele. Sei, sei. Me desculpa, tá? É que eu já colaboro com outra instituição e... Isso, liga daqui a um mês.

Triiimmmm.

- Alô... Sou eu. De onde? Ah, já tenho cartão. Só se a anuidade for grátis pra sempre. Não? Então não interessa.

Triiimmmm.

- Alô, com quem? TV a cabo? Tinha, cancelei. Dinheiro jogado fora. Só vejo mesa redonda de futebol.

Triiimmmm.

- Alô... Ah, você de novo? É, me ligou na semana passada. Eu disse pra me ligar em um mês, não uma semana. Dinheiro curto. Onde fica esse lar? De velhinhos? Pera um pouco, vou pegar a caneta. Rua... número... Tá bom. Se der, passo aí no fim de semana. Tchau. Ah, sua voz é linda.

Triiimmmm.

- Alô... Não tem ninguém com esse nome. Deve ser

engano. Eu? Não, já tenho conta em dois bancos. Cartão? Também não me interessa. TV a cabo? Pra quê, só vejo novela.

Triiimmmm.

- Alô... Oi, fui sim. Conversei com o pessoal, falaram bem de você. Os velhinhos? É, bem cuidados, limpinhos. Estava esperando você me ligar. Isso, pode mandar buscar. Vinte por mês. É o que eu posso dar. Por que não vem você mesma? Amanhã à tarde, estou de folga. Legal, vou esperar.

Triiimmmm.

- Você ligou para 87... Deixe o seu recado depois do bip.

Piiiiiiiiiii.

Carta de amor

Amor,

não sei se, tantos anos depois, ainda a odeio. Creio que sim. Sinto isso quando, no meio da noite acordo de algum sonho estranho e fico ouvindo os barulhos da rua. Sinto isso quando, no meio desta insônia, recordo que, certa época, fui muito feliz com você.

Hoje, quero matá-la. Sei que não deveria confessar isso, mas como deixar de sentir tanto ódio, mesmo passado esse tempo todo?

Amor,

não sei se todos esses anos serviram para esquecê-la ou para trazê-la mais perto de mim. Acho que nunca, nem mesmo nos loucos momentos em que tentamos desesperadamente nos entender, eu estive tão próximo de você quanto agora. Sinto isso em cada carro que freia nesta madrugada maldita, em cada cão que late neste sórdido escuro, em cada estalo da madeira que meus sensíveis ouvidos detectam neste imenso e cru espaço que habito.

Amor,

é estranho escrever tais palavras me referindo a alguém que hoje desprezo com o mais profundo ímpeto, mas creio que não existe outra forma de registrar sua imagem, essa melíflua, ondeante, imprecisa forma que meu cérebro ainda retém, fantasma indecoroso que habita meus piores pesadelos.

Amor,

não sei se apesar de todos os enganos por que passamos, de todas as mentiras que contamos um ao outro, de todas as indiferenças que tivemos a necessidade de expressar pelas maneiras mais abjetas, de todos os gritos que demos e de todas as horas trancafiados na imensidão de nossas justíssimas desavenças, não sei se ainda devo continuar a tê-la como parte de mim, indissolúvel e irremediável.

Quer dizer, eu sei.

Sei, mas não tenho a coragem de admitir. Na minha fraqueza, na minha total covardia, eu me calo.

Amor,

mais difícil do que começar a amá-la, foi aprender a odiá-la.

É muito tarde para uma reconciliação. Prefiro esperar que minha vida termine em paz do que continuar desta maneira, na iminência de descobrir que nós ainda existimos.

Amor,

quero que pelo menos desta vez você finja fazer parte da humanidade e me perdoe.

Juro que não pretendi, em nenhum momento de nossa insana e conturbada relação, feri-la. E se eu o fiz, creia, foi com a mais deliberada intenção.

Amor,

nunca mais quero vê-la. E antes que você venha novamente me ignorar, fique certa que desta última vez, sou eu quem vai virar as costas e fingir indiferença.

Pois desta vez vou rir por último. Tanto que vou acordar velhos e crianças, alegres e desesperados, brancos e negros, todas as contradições que habitam a minha rua, a minha cidade, o meu país, o meu mundo.

Vou rir tanto que vou morrer de rir.

Amor,

eu tenho um coração imenso e uma saudade infinda.

E eu choro, eu choro, eu choro essa dor que é minha vida.

Um beijo.

Do sempre seu odiado

amor.

Nana nenê

Ele se lembrava.

Cada amigo que encontrava olhava e dizia que estava magro.

Mas e as dores que sentia? E as horas que tinha de passar sentado no trabalho, a cabeça a mil, o corpo inteiro a reclamar por um momento de paz?

Agora estava em paz.

Agora tudo era passado.

Ele se lembrava.

As frases gentis, os olhares dissimulados, o espanto estampado nos rostos.
Tudo era passado.

Uma enfermeira gorda e baixa entrou, olhou para ele e deu um sorriso vago.

– Tá na hora do remedinho. Abre a boca pra eu dar.
E as pílulas nem gosto ruim tinham!

Questão de tempo.

Dormiria em breve. Um sono com sonhos. Alguns bons, alguns maus.

Sonhos, apenas.

No escurinho

Sessão da tarde, cinema quase vazio.

- Ai! Você é muito abusado! Quem te deu licença?

- E você é muito careta. Deixa, vá, só um pouquinho...

Um grito de pavor. Um corpo caindo pela escada (o filme é de terror).

- Quero pipoca.

- Vou comprar.

Uma faca rasga o pescoço da linda loirinha de calças jeans. Ela tomba. O sangue esguicha.

- Você trouxe refrigerante?

- Ah, não! Que saco, como ia saber que você queria?

- Pipoca sem refrigerante não tem graça.

- Então espera que vou pegar.

No longo corredor surge um vulto, o garoto tropeça num corpo, corre em direção a uma porta semi-aberta. Entra ...

- Não gosto de guaraná. Não tinha coca?

- Não, só tinha pepsi.

- Então tá.

- Agora deixa eu pegar na sua mão...

- Depois, não vê que estou comendo pipoca?

Noite. Um lago ao luar. Uma silhueta indefinida no ancoradouro puxa um pequeno barco. Corte. Um tiro, um clarão, um grito. A sombra cai n'água.

- Me dá um beijo.

- Tô com a boca cheia.

- Vê se come logo. Tô com uma vontade...

O sol aparece no horizonte, entre montanhas. A câmera passeia e encontra o casal deitado à beira do lago. Lentamente, o rapaz se levanta e tenta acordar sua companheira. Ela também se levanta. Os dois se olham e depois se beijam. Um piano toca uma melodia romântica.

- Filme mais bobo. Nem tive medo.

- Não prestei atenção.

- Claro, ficou me agarrando...

- Vamos ver de novo?

- Só se desta vez você me comprar uma coca.
- E se só tiver pepsi?
- Serve, mas bem gelada.
- Tudo bem, mas quero um beijinho.
- Deixa começar o filme. No escurinho é bem melhor.

The end.

Uma da tarde

Jogou a toalha na cama, desligou o secador de cabelos, abriu a bolsa e tirou o maço de cigarros.

Acendeu um, jogou a fumaça para cima, pegou o batom e voltou ao banheiro.

- Vai demorar?

- Um minutinho só, amor.

- Estou com pressa, preciso voltar ao trabalho.

- Pegue meus óculos escuros na bolsa, por favor.

Os dois saíram apressados do quarto abafado do motel, entraram no carro e estranharam o sol da uma da tarde.

- Te deixo duas esquinas antes do prédio.

- Fico em frente da sorveteria, então.

A brecada repentina fez com que quase batesse a cabeça no pára-brisa. A bolsa que estava no seu colo foi para o assoalho. Esparramou chaves, cigarros, batons, dinheiro, lenços, uma figa de guiné, retratos e documentos numa confusão só.

- Pega rápido que aqui é ponto de ônibus.

- Um minutinho só, amor.

Deu adeuzinho com a mão direita e viu o Gol prateado ultrapassar dois ônibus e uma kombi antes de furar o sinal vermelho e sumir no trânsito.

Ajeitou o cabelo, cumprimentou o camelô que vendia perfumes iguais aos franceses, atravessou a rua olhando do lado errado, mas por sorte não vinha ninguém, apressou o passo e quando fez sinal para o porteiro do seu prédio abrir o portão, seu coração já batia mais devagar.

- O condomínio já chegou, dona Sílvia. A senhora pode pegar agora?

- Claro, seu Benê. E, por favor, avise o zelador que a luz do hall continua apagada. E que aqueles moleques do 301 só sabem ouvir música alto. Meu marido não agüenta mais tanto barulho.

Despediu-se com um boa tarde seu Benê que dizia tudo o que seu sorriso não revelava.

O elevador social estava quebrado - mas nada é perfeito.

Filhinho

- Filhinho, vem comer que a sopa esfria.
- Tô indo.
- Não esquece de lavar as mãos.
- Tá bom.
- Tem pão quentinho no forno.
- Sei.
- Guardei a tubaína na geladeira.
- Quero guaraná.
- Depois eu preparo uma omelete.
- Com queijo?
- Fiz doce de lima de sobremesa.
- Tem goiabada?
- Mamãe vai sair e não demora.
- Tchau.
- Se papai chegar, diga que eu morri.
- Digo.
- Filhinho, mamãe te ama tanto!

O homem só

Perto da banca de jornal, distraiu-se com a buzina de um carro. Virou a cabeça para olhar à direita, não viu o poste bem na sua frente. O choque foi inevitável. A queda, também.

E foi uma queda daquelas de cinema, de comédia pastelão. Primeiro, o "aaiii" bem dolorido da cabeça contra o cimento. Depois, o enrolar das pernas num nó até então inimaginável. E, por fim, a vergonhosa viagem ao chão imundo, feio e cinza: um inimigo até então desconhecido.

Mas essa foi uma derrota pequena perto do que se seguiu. A derrocada iniciou-se com o homem de terno escuro que comprava o jornal na banca. Ele começou tudo, quando, em vez de estender a mão para pegar o troco, apontou para o corpo que rodopiava e se estropiava no solo. Bastou isso para que todos olhassem aquele pacote desfeito que antes se assemelhava a um homem.

O golpe de misericórdia veio do camelô ao lado da banca. Não, não foi uma risada comum que ele deu quando o monte informe de trapos tentava se erguer.

Era mais um guincho, sibilino, interrompido por um arfar asmático, um chamado que foi envolvendo todos os que estavam naquela esquina, naquela manhã.

De repente, todos ali riam, alto, escancaradamente, despudoramente.

E riram até que o bêbado se ergueu e abraçou o poste, como se fosse um velho companheiro.

Vários minutos se passaram então até que ele caminhou trôpego para a banca de jornais e perguntou ao rapaz do caixa, que fingia uma expressão séria:

- Desculpe, mas você tem fogo? Acho que perdi o meu isqueiro...

As mãos em concha, mostrou habilidade ao acender o cigarro com um só palito - e ventava! - e foi, bem devagar, oscilando como um navio num mar de tempestade, em direção ao burburinho da paisagem.

Depois, sumiu.

A fonte da juventude 2

Olhou-se no espelho e não gostou da barba cheia que carregava todos aqueles fios brancos.

Olhou-se no espelho e achou que o rosto pálido não ficava bem com seus cabelos escuros.

Olhou-se no espelho e deu um sorriso de desdém ao ver um bigodinho de ator canastrão rasgar a magra face.

Olhou-se no espelho e detestou o cavanhaque pontudo como o de um dândi suburbano.

A solução foi ir à drogaria e pedir à solícita balconista uma tintura que restituísse à sua barba o negror da juventude perdida.

Traições

A loira virou para a morena, secretária como ela, na mesa ao lado:

- Saí ontem com o Ricardo.

- Não diga! Você é louca! E o seu namorado?

- Ah, não faz mal, ele não vai ficar sabendo. Só demos uns amassos.

- Eu não teria coragem, só de pensar numa coisa dessas fico tremendo.

- Mas você nem namora... Pode fazer o que quiser.

Dias depois, tomaram café juntas. A loira contou a novidade:

- Saí com o Roberto.

- Você é louca mesmo! E o seu namorado?

- Bobagem, ele não vai ficar sabendo. Mas não fizemos nada de mais, só uns beijinhos.

- Nossa, fico nervosa só de pensar.

Na segunda-feira, a morena não apareceu no escritório. Nem na terça, nem na quarta. Na quinta,

uma ruiva sentou na sua cadeira. A loira pegou o telefone e ligou para a casa da morena. Foi a mãe que atendeu:

- Ela está de cama, doente. Mas eu digo que você ligou.

E nada.

A loira ligou de novo e mãe da morena atendeu mais uma vez:

-Não está. Resolveu sair do emprego. Eu digo que você telefonou.

Encontrou a morena três meses depois, por acaso, no shopping center. Levou um baita susto quando a viu na sua frente. Com uma barriga enorme.

- Que surpresa!

- Eu que o diga!

- É, dá pra ver, né? Gravidez de sete meses. Fiquei com vergonha de voltar para o emprego.

- Mas você nem namorava...

- Não mesmo. Era amante de um homem casado. Fazia dois anos que a gente se encontrava. Toda

semana, às vezes mais de uma vez. E aí, aconteceu ...

Despediram-se.

- Quando nascer eu te aviso - disse a morena, depois de dar um beijo na loira e ir embora.

- E eu que achava que era galinha - pensou a loira, antes de entrar na loja de sapatos que exibia na vitrine um modelinho baixo, marrom escuro, ideal para ir trabalhar.

Álbum de fotografias

Baixinha, gordinha, meio vesga.

- Põe salto alto, vestido longo engana, não usa calça apertada nem roupa listrada.

Conselho se fosse bom não era de graça.

Fazia tudo ao contrário.Tinha seus encantos, ah, se tinha.

Ligou para o estúdio.

Sessão marcada, tomou táxi com ar-condicionado para não estragar a maquiagem.

- Quero posar nua - avisou.

Clique, clique, clique, de frente, de lado, deitada, em pé, boquinha fechada não entra mosquito, faz pose de vampira, de menininha, de puta.

- Passa na terça que tá pronto.

Ai que foi difícil dormir de nervoso. As horas não andam, será que fiquei linda?

- Taí o seu álbum. Fiz o que pude. Melhor impossível.

Coração disparado, voou para a quitinete.

Era coisa de novela. De dar inveja. Para olhar toda noite.

Foto por foto, detalhe por detalhe.

Como a borboleta que tinha sumido do seio esquerdo e havia voado para o braço que não tinha mais a marca da vacina e estava mais fino que aquele refletido no espelho do guarda-roupa comprado em 24 prestações.

Chorou tanto que as lágrimas lavaram todas as mentiras expostas naquele álbum de fotografias.

Aí então viu que estava nua de verdade.

Prosa e verso para o amor eterno

Jurou por todos os santos que aquela era a mulher da sua vida.

Cortou o cabelo, aparou a barba, fez manicure. Gargarejou malvona para tirar o mau hálito. Treinou falar sem usar palavrão.

Mas o primeiro encontro foi um desastre. Nem lembrou de abrir a porta do fusqueta para a deusa. Viu que aquele pedaço tinha se magoado. Prometeu se emendar.

O segundo encontro foi melhor. A bonequinha adorou o maço de rosas brancas que entregou assim que a viu no jardinzinho da casa amarelo-pálido.

O terceiro encontro não aconteceu.

Se encantou por outra, essa sim pra todo sempre, tão loira que se confundia com suas manhãs tropicais de sol.

Mandou lavar o fusca, borrifou perfume até o cheiro do cigarro desaparecer, caprichou pra disfarçar o sotaque do interior que carregava forrrte.

Mas sabia que haveria um segundo encontro melhor que o primeiro, quando tudo correu bem até que

escorregou nos errres e - foi mal, muito mal meu chapa!

Paixão que dura só um tanque de gasolina não é pra sempre.

Conheceu a mulher de seus tormentos logo a seguir.

O que era prosa virou poesia, de pé quebrado, uma porcaria.

Caiu de quatro, babou-se todo
feito um bobão.

E ela firme, não e não e não.

Passou a freqüentar terreiro,
fez promessa pra santo antonio casamenteiro,
tudo em vão.

O fusca quebrou, sobrou o buzão.

Ficou difícil, a mulher de sua vida
virou uma canção.

Um samba-canção, um bolero,
um roqueanderrou sem harmonia,
sem melodia e sem refrão.

Sobrou a rima,
perdeu o tesão.

Presente de casamento

A noiva telefonou para o noivo e contou a novidade:

- Ganhamos uma televisão de 29 polegadas dos meus pais. É linda. Você precisa ver. Vai ficar uma maravilha na sala.

O noivo, rapaz humilde, de família pobre, sentiu que falava agora ou nunca.

- Meus pais também já compraram o presente. É um liquidificador, de lâminas duplas...

A noiva disse apenas um "que bom". Desligaram o telefone, tinham muito a fazer, o casamento era dali a três dias.

Tiveram dois filhos em menos de quatro anos. Ele arranjou um bom emprego, trabalhava muito. Ela ficava em casa, cuidando das crianças.

Os filhos cresceram, entraram na faculdade. Ele subiu na firma. Ela ficou mais gorda.

Uma noite, no meio da novela, a televisão pifou.

- Tudo bem - disse ele - amanhã eu compro uma nova, de LCD.

O filho mais velho chegou logo depois e, todo sem jeito, anunciou que precisava falar com os dois.

- Fiz besteira, ela está grávida, vamos casar.

O pai ensaiou uma careta, a mãe chorou, mas no fim todos se conformaram.

Na loja do shopping, ele sacou o cartão de crédito e mandou entregar em casa a televisão. Foi aí que viu uma fileira de liquidificadores no balcão.

- Qual é o melhor? - perguntou ao vendedor.

- É esse de lâminas duplas - respondeu o rapaz.

Nem perguntou o preço. Só pediu que embrulhassem para presente.

Um presente de casamento.

Um anjo

Sempre foi a queridinha de todos. Criança ainda, quando brincava com os priminhos e priminhas, amiguinhos e amiguinhas da escola, era a primeira a socorrê-los quando algum deles se machucava.

– Tadinho, deixa que eu saro o dodói...

Cresceu, foi ficando moça e todos diziam que ela tinha um bom coração. Um enorme coração. Sempre prestativa, era só chamar que ela ia. Papai ficou doente, ela passou noites em claro, pois mamãe precisava descansar e o irmãozinho tinha de trabalhar. Duas semanas praticamente sem dormir, ali na cabeceira da cama. Deixou até mesmo de ir à escola. Os professores entenderam: estava cuidando do papai.

Era ótima aluna. Tomava nota de todas as aulas, com sua letra pequena, arredondada, quase perfeita. Os colegas a adoravam. Chegava ao cúmulo de passar cola para que o burrinho do lado não fosse reprovado.

Ia a festas, muitas festas. Porque era muito legal, os rapazes gostavam dela. Namorou duas vezes, mas os meninos no máximo deram uns beijinhos.

Conheceu um cara mais velho, começou a sair com ele. Percebeu que era diferente dos outros. No terceiro encontro, além do beijo, ele acariciou seus seios. Ficou envergonhada. Foi para casa, nem dormiu pensando naquilo. O namoro durou só dois meses.

Entrou na faculdade, conheceu gente diferente. Desmanchou o namoro. Viu rapazes e moças se drogarem, beberem, mas ela não era disso. Continuou sempre boazinha com todos. Saía com os novos amigos, fingia que se divertia, mas sabia que no fundo não havia sido feita para aquilo.

Formada, voltou para sua cidade, continuou a morar com os pais e o irmão. Arranjou emprego de professora. Os alunos gostavam dela.

O tempo passou, ficou mais velha. Ainda estava sempre disponível para ajudar quem quer que fosse, a qualquer hora. Tinha muitos amigos, mas se sentia sozinha. Os pais envelheciam rapidamente. O irmão ficava cada vez mais fora de casa.

A mãe morreu primeiro. Logo em seguida, foi o papai. Ficou triste, pensou em sair da casa, mas não teve coragem. Agora tinha de cuidar do irmãozinho.

Continuou sua vida, parecia que estava sempre alegre, ainda se encontrava com amigos. Arranjou um namorado, o primeiro em muitos anos. Carinhoso, bonito até, e ela achou que dessa vez tinha acertado. Foi pedida em casamento, ficou assustada. Mas aceitou.

A festa de casamento foi demais. Todos os parentes, os amigos, veio gente até da faculdade. Na noite da lua-de-mel percebeu o erro. Chorou, chegou até a gritar. Acabou pedindo a separação poucos meses depois. Achava que gostava muito dele para fazê-lo ainda mais infeliz.

A partir de então sua vida se resumiu em ajudar os outros. Passou a freqüentar associações de amparo a velhinhos, a criancinhas, a animais, a sem-teto, a órfãos. Ficou mais magra, os amigos e parentes se preocupavam, seu irmão, quando estava em casa, perguntava se ela estava se sentindo bem. Ela dizia que sim, que ele não se preocupasse.

Quando entrava em qualquer uma das associações que ajudava, tinha certeza que ouvia alguém falar, baixinho, para que não ouvisse:

– Ela é um anjo!

Nessa hora, seu coraçãozinho batia mais forte, mais rápido, e ela acreditava que era feliz.

Lencinho bordado

Na quinta-feira, ela estava por último na longa fila do ponto de ônibus.

- Oi, quer uma carona? Vou para a Zona Sul ...

- Tudo bem.

- Para mim não tem problema, é caminho. Comprei este carro há um mês. É quase novo. Flex. Dirijo bem. Gosta de música?

- Um pouco.

- Saio depois das 8 do serviço. Se quiser, amanhã pego você no ponto. Na mesma hora.

- Pode ser.

- É essa rua? Já chegamos? Quer que eu pare na frente do prédio?

- Legal.

- Então até amanhã.

- Tchau.

Na sexta-feira, estava no mesmo lugar na longa fila do ponto de ônibus.

- Prometi, cumpri. Vai entrando.

- Obrigada.

- Trouxe um CD para a gente escutar no caminho. Axé. É alegre. Anima.

- Eu sei.

- Pensei que você não fosse me esperar. Achei que ia ficar com medo. Tem tanto maluco solto hoje em dia.

- É mesmo.

- Quer sair comigo amanhã? Tipo ir ao cinema e depois comer alguma coisa.

- Vamos.

- Então eu pego você às sete.

- Combinado.

No sábado, choveu o dia todo. Às sete o tempo estava bom. Às sete e meia ela ainda estava em frente do prédio. Só saiu de lá às nove. Entrou no apartamento e foi direto para o quarto. Molhou todo o lencinho bordado de coraçõezinhos rosas com lágrimas sofridas.

Na segunda, estava no lugar de sempre na longa fila

do ônibus.

- Desculpa. Tive um problema. Não sabia seu telefone. Me perdoa?

- Perdôo.

- Hoje eu trouxe pagode para a gente ouvir. É bom variar. Você quer namorar comigo?

- Quero.

- Para comemorar vamos ouvir música bem alto. E quero ganhar um beijo. Você tem uma boquinha linda. Sorte eu ter carro, não vai mais precisar pegar o ônibus. Mas por que você está chorando?

- Felicidade.

E enxugou com o lencinho de coraçõezinhos rosas ainda salgado das lágrimas de sábado as novas lágrimas da segunda-feira.

O gandula

Acabava o treino, o moleque de pernas finas pegava uma das bolas que havia escondido, esperava o pessoal ir embora, olhava para todos os cantos do estádio e cumpria uma espécie de ritual: pendurava uma camiseta no canto esquerdo da trave, colocava a bola no bico da grande área, se afastava uns cinco metros e pimba...

Era difícil acertar na primeira. Tentava uma segunda vez e era quase sempre na terceira que via a camiseta balançar e a bola morrer na rede do gol.

Depois que acertava esse primeiro chute, trocava a posição da camiseta - ora no meio, ora no canto direito, ora embaixo da trave. Repetia com a mesma seriedade os mesmos gestos, os mesmos passos, a mesma corrida, a mesma expressão séria. Quando começava a escurecer, jogava a bola para seu esconderijo, pegava a camiseta toda suja e ia embora para sua casa - aquilo era uma casa?

Um dia, logo depois do craque do time ter dado nele uma dura por ter demorado a devolver a bola que havia chutado na porta de entrada do vestiário -

“moleque folgado, corre logo que tamos aqui com pressa pra acabar essa porcaria de treino” -, ele se sentiu cansado, como nunca havia estado antes. Sentou-se e não resistiu àquela grama molhada, friazinha. Deve ter dormido, pois quando acordou viu que o sol estava caindo. Levantou-se depressa, pegou a camiseta e pendurou na trave. Catou a bola, se afastou os cinco metros de sempre e largou o chute. Na primeira!

Não deu tempo de mudar a camiseta de lugar. Um apito chamou a sua atenção. Virou-se e deu de cara com o treinador.

- Moleque, amanhã você pega o uniforme com o Chiquinho, não precisa de chuteira ainda que você só vai jogar no coletivo no mês que vem. Mas é bom se preparar para suar bastante. Quero ver você puxando a fila. Você tem as pernas finas demais. Precisa ganhar músculo ....

O treinador então se virou e foi embora. O moleque ainda ouviu ele dizer, meio resmungando:

- Puta que pariu, de cada três ele acerta uma!

Superstição

Como em todo jogo do Coríntians que assistia pela televisão em casa, trancou a porta da sala, cerrou a cortina da janela, acendeu as sete velas e, antes do Galvão Bueno, foi ele quem narrou, olhos fechados, mãos levantadas para o céu:

- Bola com Magrão que dá para Marcelo que lança Sidney que chuta ... é GOOOLLL.

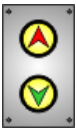
Depois, de joelhos, uma vela em cada mão, começou a dar as sete voltas costumeiras. Passou pela televisão e se preparava para completar a primeira quando a porta se abriu:

- Ah, meu bem, me desculpe, não sabia que hoje tinha jogo.

O vento que entrou com sua mulher apagou uma das velas. Soltou um palavrão. Tornou a acendê-la, mas sabia que era tarde demais.

Culpa sua o Timão perder mais uma.

O ascensorista



Um metro e vinte por um e trinta. Uma porcaria de espaço. Barulhento que nem ele só. E lento. E fedido.

- Quarto andar.

- Terceiro

- Segundo

- Quinto

O gordo disfarça para eu não ver que ele está de olho na bunda da morena.

A secretária do doutor faz que não me conhece e bole na unha pintada de roxo.

Esse tampinha do quarto andar tem vergonha de tudo e só sabe ficar de cabeça baixa.

- Segundo andar.

Desce o gordo e dá uma última encarada na morena.

- Terceiro andar

Sai a secretária e não olha para trás porque finge que não me conhece.

- Quarto andar.

Lá vai o tampinha de cabeça baixa feito bobo e é capaz dele tropeçar ... e tropeçou.

- Quinto andar.

Desfila sozinha a morena que não abre a boca e só mexe a bunda.

E eu vou atrás dela porque o corredor está vazio e eu sei que ela cobra cinqüentinha por uma trepada.

Êta ferro! Agora é no automático!

Rádio peão

– Ouvi dizer que o salário vai sair só no fim da outra semana.

– É que o banco não quer emprestar mais dinheiro.

– As vendas caíram muito e vão precisar cortar custos.

– E devem criar um conselho de acionistas.

– A verdade é que os sócios vão se afastar da direção.

– Vão contratar uma empresa para fazer as mudanças.

– Um ano e meio a dois para ajeitar tudo.

– No fim das contas vai sobrar para nós.

– É, já vi esse filme antes.

– Vamos tomar um cafezinho?

– Com açúcar ou adoçante?

O mentiroso

Desde cedo revelou sua vocação: mentir. Criança ainda, quando a mãe perguntava onde tinha ido, só para sentir aquele friozinho na barriga, não dizia que estivera a tarde toda brincando na casa do vizinho. Dizia que fora lá estudar. Uma mentirinha de nada, mas que dava prazer enorme de contar.

Cresceu assim, mentindo um pouco para uns, muito para outros, sempre para todo mundo. No ginásio, dizia que queria ser médico. No colegial, já era jornalista. Formou-se em Direito. Virou advogado. De família conhecida, fez nome, passou a ser respeitado. Escrevia nos jornais da cidade, dava aulas na faculdade. Quase virou político.

Namorava uma moça fazia tempo. Mas a moça ficou barriguda. Foi um Deus nos guarde. As comadres se encheram de falar.

Mas ele nem nada. Quando encontrava um amigo, ia logo contando a história:

– Ela está grávida, mas é virgem. Nunca vi isso.

E essa foi a maior mentira de todas.

Bola pra frente

- O mundo não é redondo. Ele é uma bola de futebol!

Saiu do bar rindo, tropeçando no degrau que dava para a calçada.

- O jogo só acaba quando o juiz apita!

Tentou duas vezes abrir a porta do carro. Não acertava o buraco da fechadura.

Estava escuro, começou a chover, queria mijar.

- Bola pro alto que o jogo é de campeonato!

Ligou o carro, acelerou, engrenou primeira, saiu cantando pneu.

Xingou o gato preto que cruzou a luz do farol.

- O futebol é uma caixinha de surpresas!

Parou o carro em cima da calçada.

A luz da casa estava apagada.

Tentou entrar sem fazer barulho.

Chutou o abajur da sala.

Acendeu a luz e viu na mesa o bilhete pardo:

- Adeus. Levei as crianças e o talão de cheques.

Caiu sentado no sofá de couro.

- E fecham-se as cortinas do espetáculo!

Uma rosa vermelha

A igreja estava lotada, mas fedia incenso e flores. As luzes ardiam nos olhos de tão fortes. O padre falava e ninguém escutava.

Essa menina eu conheço bem, não vale nada.

Vagabunda é o que ela é.

Mas vai se arrepender de casar com esse cara, um zé mané.

O som do órgão até que lembrava uma música. O burburinho que vinha da porta atrapalhava quem queria ouvir o padre avisar que a vida nova que começava para os noivos exigia muita responsabilidade e tal e tal e tal.

Quero ver depois se ela vai ter coragem de olhar pra mim.

Quero ver depois se ela vai ter coragem de olhar praquele trouxa do marido e dizer que gosta dele como gostava de mim.

Quero ver depois se ela vai ter coragem de olhar no espelho e dizer que fez o certo.

A cerimônia acabou, finalmente. Os noivos foram

andando, devagar, sorrindo, lindos, em direção à porta de entrada da igreja.

Pararam ao lado, a fila de cumprimentos foi ficando cada vez maior.

Um beijo, outro beijo. Muitos beijos.

Um estrondo. Um grito, outros gritos.

A menina virou para a mãe e só soube dizer:

“Olha mamãe, brotou uma rosa vermelha no peito da noiva.”

O noivo

Chegou esbaforida no escritório, olhando para os lados, assustada.

– Vê pela janela se ele não está na esquina - pediu para a amiga.

– Não tem ninguém, acho que ele desistiu.

A amiga estava cansada de ouvir a história: o fora no noivo, a dor de corno dele, que passou a perseguir a pobre coitada. Eram telefonemas no meio da madrugada, buzinas altas horas da noite, vultos indistintos na escuridão, bilhetes ameaçadores...

Agora, ele estava passando da conta. Havia começado a seguir a pobre coitada em pleno dia.

Tinha crises histéricas em pleno trabalho. Se o telefone da sua mesa tocasse, pedia para quem estava ao lado atender. Emagreceu. Ficou com olheiras. A amiga começou a se preocupar de verdade.

Ninguém teve notícias dela nas férias. Quando voltou, parecia outra pessoa. Os olhos vivos, ria de qualquer coisa. Nem se importava em atender o telefone.

Foi a amiga que contou a novidade para todos: o

antigo noivo estava namorando sério, para casar mesmo, uma garota da alta, uma barbie que adorava as colunas sociais. E tinha largado do seu pé.

– Parece que ele contou para ela uma história de que foi largado quase que no altar e a tontinha ficou com pena dele. Nem sabe que o cara vai aplicar o maior golpe do baú.

Pobre diabo

Foi importante no tempo em que a indústria têxtil era forte na cidade. Chegou a ser gerente de várias fábricas e nessa época ganhou o apelido com que ficou conhecido: Diabo. Mas da mesma forma que as tecelagens foram sumindo, ele foi se apagando, caindo, se tornando apenas uma lembrança de antigamente. Alcóolatra, passava semanas bebendo sem parar tudo o que podia, emprestando dinheiro de todos os conhecidos. Depois sumia uns dias. Quando reaparecia, estava com a barba feita, a roupa limpa. Jurava que nunca mais ia beber. Ninguém, acreditava.

Poucas vezes - e para poucos - contou a sua história verdadeira. Preferia a lenda. O gerente mandão, capataz inflexível que anotava num caderno até os dias em que as empregadas ficavam menstruadas. Um sujeito tão mau que chegou a se vestir de diabo, com roupa vermelha e rabo, para assustar as pobres coitadas que pensavam em fazer uma greve.

– Histórias bobas. Tudo mentira. Me deram o apelido simplesmente porque tinham inveja de mim. Eu gostava de fazer as coisas certas, não permitia

liberdades comigo no trabalho. Quiseram me ofender e eu virei o Diabo.

E ficava com a expressão perdida, o olhar distante, os braços pendidos...

– Rapaz, eu não estou mais aguentando. Preciso tomar alguma coisa. Me empresta um dinheirinho, quando eu receber a aposentadoria eu acerto com você...

E lá ia ele, sem chifres, sem rabo. Apenas um pobre diabo.

Aposentado

Vida de aposentado é chata. Mal havia acabado de levantar, fez o café para a família, ou seja, a mulher e os dois filhos. Limpar o carro foi a tarefa seguinte. Depois, seguiu a rotina de ir à banca comprar o jornal. O resto da manhã, até o almoço, gastou se inteirando das últimas notícias – se é que elas tivessem alguma importância para ele.

Depois do almoço, uma soneca. Depois da soneca, hora de sair para a rua, ver como andam as coisas.

Até o centro da cidade a rua seguia plana, com pouco comércio e muitas casas, alguns prédios. Pouca gente para cumprimentar. Só no salão de barbeiro.

– Novidade, seu João?

– Tudo velho. Vamos aparar o cabelo?

– Hoje não. Quem sabe amanhã....

No centro, o bom era ficar um tempo na praça, com os amigos, também aposentados. Era ali o ponto de encontro de todos, ou quase todos que realmente importavam. Falavam de política, discutiam o tempo,

ficavam sabendo quem havia morrido ou quem estava doente. Tomavam um cafezinho. Sentavam no banco e olhavam os jovens passando.

Assuntos esgotados, o dia ainda era claro e dava para bater mais um pouco de perna. Olhar as vitrines, ver as novidades da moda ou os filmes que estavam passando nos dois cinemas centrais.

Hora de voltar para casa. Passar na padaria, ver se ainda tem pão quente. O cheiro é tão bom...

Em 15 minutos chegaria em casa. Sem pressa. Afinal, para quê pressa?

O portão da garagem estava ainda aberto, sinal de que sua mulher ainda não havia voltado. Era ela quem ficava com o carro. Trabalhava com o carro. Ele não precisava de carro nenhum, tinha suas pernas para andar.

Na televisão, programas chatos, sem graça, notícias sobre violência. No jantar, um bom copo de vinho. Amanhã, quem sabe, uma cervejinha.

Os filhos comem e saem correndo, cada um para um

lado, é festa, é namoro, essa juventude de hoje não pára, tem uma energia danada.

Antes de dormir, ele sente o cansaço no corpo. Um estranho cansaço. Um cansaço bem-vindo.

O sono foi pesado, mas mesmo assim ele sonhou. Era como um passarinho que voava quando queria, sem peso, sem asas, sem culpas...

Viagem

Não demorou para aparecer um táxi. A ida para a rodoviária foi rápida, os sinais de trânsito estavam verdes, havia poucos carros àquela hora da manhã. Era tão cedo...

Comprou a passagem, olhou em volta, não viu ninguém conhecido, sentou-se num banco e ficou esperando o ônibus. Um ônibus grande, enorme, feio, fumacento, que a levaria, em poucos minutos, para fora daquela rodoviária pequena, mínima, tolamente pintada de verde que ela passou a conhecer tão bem nos últimos dias.

Escolheu a janela. Por sorte o ônibus estava quase vazio. Ninguém viajava tão cedo assim. O lugar ao seu lado estava desocupado. Sorte... Uma palavra estranha, qual seria o seu significado? Seria sorte o fato de ela estar indo, sozinha, para a capital, àquela hora da manhã, num ônibus com a metade de sua lotação? Seria sorte esse ônibus sacolejar, rosnar, grunhir todos os seus metais pelas ruas da cidade? Seria sorte ver a paisagem passar sem sentido pela janela: casas, carros, placas, gente. Seria sorte ela respirar aquele ar

úmido que vinha dessa paisagem, entrava pela janela e batia em seu rosto? Ou não?

A sorte, na verdade, era uma palavra proibida para ela naquele instante em que a paisagem mudava, as rodas do monstrengo passavam a atritar o asfalto da estrada e tudo se movia mais rapidamente. O tempo passava mais rápido, então. Nada do que fizesse poderia mudar isso. Estava, até chegar a seu destino, inexoravelmente presa àquela poltrona alta e macia, àquela paisagem monótona e fria, àquele movimento suave e constante.

Até então, sua vida tinha sido assim: suave e constante.

Teria tido sorte?

Teria sido feliz?

A felicidade era algo tão sem sentido quanto a sorte. As duas caminhavam à frente daquele ônibus como um bêbado que tenta se manter em pé. Oscilavam de lá para cá, do céu para o inferno. E entre os dois extremos, lá estava ela com seu corpo minúsculo, suas roupas ridículas, sua cabeça cheia de esperanças.

Será que me esqueci de trancar a porta? E a janela, meu deus, será que vai chover hoje e eu a deixei aberta? E se voltar tarde, já estiver escuro, será que vou ter dinheiro para pegar um táxi ou vou ter de ir a pé? Ultimamente ando tão esquecida... Será...

Fechou os olhos, tentou parar de pensar. Será verdade que havia gente que conseguia ficar sem pensar nada, absolutamente nada? Mentira, claro, tolice. Haverá sempre um clarão que acordará a consciência, um raio que iluminará o cérebro e porá tudo a perder.

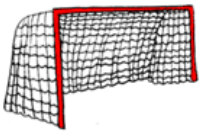
Olhou para fora e viu que a paisagem mudava. O caos começava a tomar conta. Sinal de que estava chegando. Faltava pouco, agora. E isso era bom? Era ruim?

Não sabia. Não sabia de mais nada. A sua vida não estava mais em suas mãos. Tudo o que fazia hoje era cumprir um ritual determinado por outras pessoas mais sábias, mais preparadas. Um ritual que começava cedo, três vezes por semana e terminava tarde, no mesmo dia, quando chegava em casa, exausta, passando mal, com vontade de vomitar. Um ritual que era uma preparação para outro, mais cruel e do qual

não poderia escapar.

Sorte, azar, felicidade passaram a ser apenas palavras que talvez pudessem ter algum significado para as outras pessoas. Não para ela. Não depois que numa manhã, terminado o banho, passou a mão pelos seios e notou, embaixo do direito, um caroço. Duro, feio, maligno.

Torcedor



O jogo acabara fazia muito tempo. Ele estava sozinho, sentado na arquibancada, a cabeça entre as mãos. Se alguém estivesse ao seu lado, veria que chorava baixinho.

As luzes dos refletores foram se apagando aos poucos, a grama sumia devagarinho, e ele não se movia.

Um ambulante que ia embora quase trombou com aquela figura minúscula.

– Ei, cê tá bom?

Ele levantou a cabeça, os olhos molhados de lágrimas, uma expressão de bobo.

Uma careta apareceu na face e ele percebeu que não estava sozinho.

– Hã, não, não sei, estava vendo o jogo... Quanto foi?

– Tá de gozação? Goleada. Perdemos feio.

– Goleada... Tomamos uma goleada... E agora, meu Deus, o que vou fazer?

– Bom, posso ajudar a levar você pra fora. Cê tem

certeza que tá bem?

– E quem marcou? Foi muito fácil pra eles?

Apoiado no ambulante, desceu os degraus, cambaleando. Já na rua, olhou para o estádio às suas costas diminuindo de tamanho e seguiu pela noite. Seus lábios se mexiam e só os insetos ouviam a frase que repetia sem parar:

– Goleada, levamos uma goleada... E agora, o que vou fazer?

De carne e osso

Era um mulherão de fechar o comércio. Longos cabelos morenos, sobrancelhas negras, seios cujas formas voluptuosas a blusa amarelinha deixava adivinhar, calça de jeans apertada, justinha, uma perfeição só.

O caixa do banco estava de olho nela fazia bem uns 15 minutos. E contava os segundos para atendê-la.

Finalmente, ela ficou na frente dele, olho no olho, aquela boca carnuda a menos de 30 centímetros da sua boca atônita.

- Pois não - quase gaguejou de tanta emoção, o coração aos pulos, descontrolado.

- O senhor pode depositar esse cheque? Cai na conta hoje? - perguntou, com uma voz de criança, fininha, sem entonação e nenhuma graça.

- Cai, sim - respondeu o caixa, aliviado por ver que a sua deusa era apenas só mais uma mulher.

E antes de chamar o próximo cliente, viu que o relógio da parede marcava 11 e 15 e ele tinha ainda um longo dia pela frente.

Gigante

Baixinho, tampinha, nanico, meia dose, chaveirinho, goleiro de pebolim, pintor de rodapé, piloto de autorama, caçador de lagartixa, amostra grátis, salva-vidas de aquário, maquinista de ferrorama.

Ouviu isso a vida inteira. Às vezes ria. Depois chorava de raiva. Mas aguentou calado. Os anos se passaram, subiu na vida. Era pequeno, mas importante. Estudou, deu duro, trabalhou feito um burro (ops, um burrinho), foi duro com os amigos (poucos), fez inimigos (muitos) e hoje sabia que era invejado.

Apesar do metro e meio de altura.

E, mais que invejado, respeitado.

Por isso estava orgulhoso de ter sido convidado para a cerimônia de assinatura do contrato da firma em que trabalhava com aquela multinacional poderosa, distante, fria e exigente. Contrato que tinha redigido, modificado, corrigido, linha por linha, palavra por palavra, vírgula por vírgula. Um triunfo que atingia, naquele momento, seu auge.

- Com a palavra, agora, o dr. Gilmar Pereira, diretor-

presidente da Pereira Edificações. Palmas merecidas.

Os fotógrafos e cinegrafistas se atropelaram na busca do melhor ângulo.

- Senhoras e senhores, é com muita satisfação que recebo cada um de vocês nesta humilde casa para anunciar que fechamos o contrato para a construção do maior empreendimento imobiliário de nossa cidade, com nada mais nada menos que a Empire Investments. Todos os detalhes do negócio serão dados posteriormente pelo nosso diretor-financeiro, o dr. José Ribeiro. Quero também, neste momento, agradecer ao nosso diretor-jurídico, o dr. Bráulio Gimenez, que empreendeu uma tarefa hercúlea, à altura de seu enorme, imenso, gigantesco talento...

O que se seguiu depois teve várias versões. Mas ficou mesmo a que saiu no Jornal de Notícias: "A determinada altura do discurso do diretor-presidente da empresa, justamente na parte em que era elogiado pelo seu 'enorme, imenso, gigantesco talento', o diretor-jurídico, dr. Bráulio Gimenez, começou a xingar o seu patrão, entre outros palavrões impublicáveis, com gritos de 'filho da p..., gigante é a mãe', antes de

agredí-lo com chutes e socos e ser, finalmente, contido e dominado pelos seguranças."

O estilo pode ser ruim, mas a descrição foi fiel aos fatos.

O jornal fez ainda a ressalva de que o dr. Bráulio Gimenez, justamente devido aos meses de trabalho exaustivo que tivera para concluir o contrato com a Empire Investments, havia sido vítima de um colapso nervoso.

Informou também que ele estava tomando uma medicação muito forte, "capaz de reações imprevistas se adicionada a bebidas alcoólicas", como explicou seu médico particular, o dr. Bento José Dias.

E testemunhas juram que viram o dr. Bráulio Gimenez pedir pelo menos três doses de uísque no coquetel que antecedeu o discurso do patrão.

"E doses duplas, que derrubariam até um homem de tamanho normal", disse um dos convidados ao repórter do Jornal de Notícias.

É campeão!

- E goool!!!

Batido o último e definitivo pênalti, Romualdo gritou, pulou, cantou e saiu do estádio com a multidão de torcedores inebriados.

Entrou no carro, engatou a primeira, a segunda, a terceira e quando viu, estava no meio do trânsito buzinando e buzinando ao ritmo do "é campeão!" que ouvia dos alucinados passantes vestindo a camisa branco e preta de seu time, seu amor, sua vida.

Mas a comemoração não podia parar aí. Precisava de mais, muito mais. Quando viu o quarteto de colegas do trabalho sambando na calçada, não teve dúvida, quase os atropelou para depois convidá-los:

- Vamos beber que o timão merece!

E foram os cinco para o boteco mais perto que encontraram. Nada de cerveja, nem cachaça. Uísque à vontade.

Depois de deixar os quatro no ponto de ônibus, calibrado por cinco doses de Passport, seguiu para casa, ainda buzinando.

Largou o carro na rua mesmo. Pulou a mureta do jardim, abriu a porta sabe-se lá como e se jogou no sofá.

Sentiu um calor repentino correr o corpo inteiro. Levantou e abriu a janela da sala. Respirou o ar frio da madrugada uma, duas, três, várias vezes. A cabeça girava, o estômago começava a embrulhar, mas mesmo assim encheu o pulmão e gritou, com toda a força que tinha:

- Campeão! É campeão!

Ao silêncio que se seguiu, dois cachorros latiram, um gato miou e, antes que fechasse a janela e caísse no carpete sujo da sala, ouviu o vizinho da frente protestar:

- Corintiano filho da puta! Deixa a gente dormir!

Maldades

Papai chegou em casa, jogou o paletó no sofá, abriu a geladeira e gritou:

- Não tem cerveja, assim não dá!

Mamãe quis falar alguma coisa, mas papai foi mais rápido:

- Nem para comprar uma cerveja você presta!

Mamãe virou-se, saiu da cozinha, entrou na sala e viu o filhinho pegar o bolinho de arroz da tigela verde com a mão direita.

- Moleque porco. Quantas vezes eu já disse para usar a colher!

E paft na cabeça do filhinho, que saiu meio chorando, meio resmungando da mesa e foi para o quarto.

Lá, antes de se jogar na cama, filhinho vingou-se de mamãe arrancando a cabeça da boneca que estava na mão da irmãzinha.

Ritinha não podia fazer nada contra o irmão grandão. E quando foi pegar a cabecinha estraçalhada no corredor, chutou Biluca, o vira-lata da família.

Biluca sentiu dor - era um cachorrinho de nada - e

achou melhor ir para debaixo da escada.
Que era um lugar escuro, frio e cheio de pó.
Um ótimo esconderijo.

Deus desce à Terra

Assustado com notícias de que muitos habitantes da Terra não só já questionavam a sua existência, mas até faziam troça dela, devido, principalmente ao estado desolador das coisas no minúsculo e insignificante planeta, Deus achou que precisava resolver logo esse problema. Convocou uma coletiva de imprensa na sede de sua empresa, no Vaticano.

Quando entrou na sala, ficou intrigado com o pequeno número de repórteres presentes. Chamou seu agente terrestre de lado e perguntou:

- Papa, que história é essa? Não tem quase ninguém aqui! O sr. tem certeza que divulgou mesmo a minha entrevista? Isso é um absurdo!

O papa, constrangido e envergonhado, ainda teve forças para dar uma resposta:

- Eu fiz o que pude!

Deus nem escutou, abandonou o seu representante e, com passos furiosos, dirigiu-se ao microfone instalado numa mesa retangular de madeira maciça naquela imensa sala de seu palácio terreno.

- Vamos logo com isso que eu tenho mais coisas a fazer - disse, com a autoridade costumeira de quem está acostumado a mandar.

Como um prolongado silêncio se seguiu a essa frase, foi obrigado a continuar:

- E então, ninguém tem pergunta nenhuma a fazer? É bom aproveitar esta oportunidade, porque não é sempre que eu venho aqui nesta porcaria de planeta. Aliás, só desci aqui desta vez porque recebi relatórios preocupantes. Parece que andam falando que me afastei do comando do meu negócio e assim achei melhor resolver tudo de uma vez.

Uma mão solitária se ergueu entre a meia dúzia de pessoas sentadas na improvisada platéia daquele salão reluzente de dourado:

- Eu tenho uma pergunta, sim - disse um jornalista que usava óculos e tinha uma barba rala.

- Pois fale logo - trovejou o cada vez mais irritado Deus.

- Como é que vamos saber se você é mesmo Deus? Pergunto isso porque estamos aqui vendo uma pessoa

igualzinha a nós, só que muito mais mal humorada...

- Próxima pergunta - cortou Deus, dando um murro na mesa.

Mais de dez segundos se passaram para outra mão, de uma moça morena de traços orientais, se levantar:

- Se você é mesmo Deus, dê provas disso agora e faça um milagre para a gente ver - falou em tom atrevido.

A esse desafio se seguiu um rumor generalizado, só desfeito quando Deus ficou de pé e fez um amplo movimento com os braços, como se estivesse regendo uma orquestra invisível. Um estrondo foi ouvido, o salão ficou imediatamente tomado por uma névoa vermelha e centenas de pombos escreveram no ar a frase "deus existe!"

Os repórteres se olharam, a princípio com um ar intrigado, até que o salão foi tomado por sonoras, soltas e quase incontroláveis risadas.

Deus se virou para seu agente, que durante toda a coletiva havia permanecido a cerca de dois metros atrás dele, de cabeça baixa. Sem esconder a perplexidade, perguntou:

- Mas que diabos é isso? Essa gente ficou louca?

Enquanto o papa balbuciava palavras incompreensíveis, abafadas pelo riso que ia se extinguindo aos poucos, o repórter que havia feito a primeira pergunta se encaminhou para a mesa, apertou a mão do já atônito Deus e falou, se despedindo:

- Olha, não sei quem você é, mas até que valeu a pena vir até aqui. Fazia tempo que eu não me divertia tanto. O truque das pombas foi bem legal. Faltou só um detalhe para eu dar nota 10 a ele: Deus é com o "d" maiúsculo.

Foi embora, de braços dados e conversando animadamente com a morena de traços orientais. Japonesa? Coreana? Tailandesa? Provavelmente chinesa.

E a Terra continuou a girar e a girar e a girar, incansavelmente.

Leia outros contos e crônicas em:

http://contosdomotta.blogspot.com

http://cronicasdomotta.blogspot.com